

Até mesmo o “Pokémon Go” refuta Thomas Piketty

O economista francês Thomas Piketty foi a revelação de 2014 no âmbito das ciências sociais. Seu aclamado livro *O Capital no Século XXI* se converteu em uma obra de referência para a esquerda e para a direita, chegando ao ponto de se transformar em um livro que é comprado, mas não é lido. E, quando é lido, raramente é lido de maneira crítica.

Isso explica por que os incondicionais seguidores de Piketty se limitam apenas a utilizar trechos de suas entrevistas e não de seu livro. E explica também por que os entrevistadores de Piketty se rebaixam ao papel de apenas lhe estender um tapete vermelho para que ele lhes desfile suas platitudes em vez de fazerem qualquer pergunta desafiadora a respeito dos problemas básicos encontrados em seu livro.

A tese essencial da obra de Piketty é que as desigualdades mundiais estão aumentando em consequência da própria dinâmica do sistema capitalista: dado que os poupadores são capazes de reinvestir obtendo taxas de retorno superiores ao crescimento econômico, os capitalistas serão cada vez mais ricos em relação aos trabalhadores.

Em outras palavras, os ricos se tornam cada vez mais ricos porque os capitalistas são capazes de obter, automaticamente, uma taxa de retorno sobre seu capital investido maior que a taxa de crescimento de todo o conjunto da economia (sua famosa desigualdade $r > g$). Isso significa, portanto, que os ricos vão abocanhando uma fatia cada vez maior do bolo.

Nas palavras do próprio Piketty: "A desigualdade $r > g$ implica, em certo sentido, que o passado tende a devorar o futuro: a riqueza originada no passado cresce automaticamente mais rápido do que a riqueza derivada do trabalho, mesmo quando o rentista opte por não trabalhar".

Ou seja, uma pessoa é rica hoje não em função da riqueza que gerou hoje, mas sim da riqueza que tinha ontem graças à capitalização rentista dos juros.

Em primeiro lugar, a falsidade dessa afirmação é patente. A realidade é que a minha riqueza atual não depende essencialmente do passado, mas sim do futuro: eu não sou rico porque meus pais fizeram bons investimentos; eu sou rico porque sou capaz de continuar investindo sabiamente as propriedades que meus pais me legaram. Se meus pais me legarem uma fortuna, mas eu não souber administrá-la corretamente, poderei ficar pobre em pouco tempo. Não há nada de automático ou de garantido na perpetuação de minha riqueza.

Ao contrário do que afirma Piketty, nenhum ativo — real ou financeiro — possui uma rentabilidade automática ou garantida. Ser rico hoje não é garantia de continuar sendo rico no futuro. Mais ainda: ser rico hoje não é garantia nenhuma de que você será ainda mais rico

no futuro. Que o digam os ricos da década de 1980: todos eles perderam mais de 50% do seu patrimônio desde então.

O fato é que, quanto mais capital você possui, *menor* é a sua capacidade de torná-lo rentável: a capacidade de investi-lo bem, de evitar erros e de encontrar oportunidades lucrativas de investimento que ninguém mais conseguiu encontrar é tanto menor quanto maior a quantidade de fundos que você tem de gerenciar.

Embora Piketty supostamente seja um estudioso da dinâmica da desigualdade de renda nas sociedades capitalistas, a falta de rigor teórico em seu livro é alarmante. Piketty praticamente não analisa o papel do empreendedorismo; e, nas raras vezes em que o faz, não fornece absolutamente nenhuma definição sobre o que seja empreendedorismo. Essa total falta de rigor o permite liderar uma batalha ideológica contra os ricos, os quais ele considera serem "imerecedores".

Surge o *Pokémon Go*

No início de julho, empresa japonesa de videogames Nintendo lançou um aplicativo *gratuito* para smartphones chamado Pokémon Go, dando continuidade à popular franquia Pokémon.

O êxito deste aplicativo gratuito tem sido estrondoso: em poucos dias, superou os usuários ativos do Twitter e apresentou mais minutos de uso diário do que o WhatsApp. Isso permitiu ao aplicativo veicular uma potencialmente lucrativa publicidade dentro do jogo (como fazem todos os aplicativos gratuitos de smartphone).

O resultado econômico mais imediato foi uma explosão na valorização das ações da Nintendo, que mais do que duplicaram em poucos dias.



Alguns dias mais tarde, quando a própria Nintendo divulgou um comunicado alertando que o impacto financeiro gerado pelo Pokemon Go nas receitas da empresa seria menor do que o precificado pelos investidores, as ações desabaram (vide gráfico acima).

Hoje, no entanto, *ainda são 33% maiores do que eram antes do lançamento do jogo*.

Tracemos agora um paralelo entre este súbito aumento na riqueza da Nintendo com a teoria de Piketty. Em que sentido a riqueza originada no passado cresce *automaticamente* sem necessitar de engenho, criatividade, dedicação, satisfação dos consumidores e criação de valor? Em nenhum.

Se a Nintendo não houvesse investido e criado, junto com a empresa Niantic, o aplicativo Pokémon Go, sua capitalização na bolsa não teria explodido e a empresa não estaria hoje 33% mais rica. Ou se, por sua vez, a Nintendo houvesse criado um aplicativo desastroso que ninguém quisesse usar, seu valor de mercado não teria aumentado em nada — com efeito, poderia até desabar, pois a empresa teria gasto dinheiro no desenvolvimento, mas não teria obtido receita nenhuma, o que significa que ela queimou capital.

Como é possível dizer, então, que a riqueza passada gera *automaticamente* a riqueza futura? Por acaso aplicativos como Pokémon Go (ou ferramentas de busca como Google, ou redes sociais como Facebook, ou aparelhos de celular como o iPhone) são criados automaticamente?

Não, o que cria a riqueza futura é o uso sábio dos fatores de produção atuais. O que cria riqueza futura é saber utilizar corretamente os fatores de produção existentes (mão-de-obra,

cérebros humanos, recursos físicos e tecnológicos, inteligência, ideias) e direcioná-los a projetos empreendedorais que maximizam a criação de valor para os consumidores.

E esses projetos empreendedorais não são nem conhecidos *a priori* e nem são fáceis de ser descobertos.

Neste exato momento, ao redor do globo, há dezenas de milhões de cabeças *pensando* em como melhorar a vida das pessoas de uma maneira mais eficiente que o resto da concorrência. Somente aquelas que tiverem êxito em descobrir, criar e comercializar os produtos mais estimados pelos consumidores conseguirão acumular uma grande riqueza (isso em um mercado livre; em um mercado regulado e protegido pelo estado, irão enriquecer aqueles com as melhores conexões políticas e que forem mais hábeis em espoliar a riqueza gerada pelos demais).

E, como bem mostra aquela recente queda nas ações da Nintendo, que ninguém pense que esta enorme riqueza gerada pelo lançamento de um aplicativo de celular seja algo permanente e irreversível (como também afirma Piketty). A valorização de 33% da Nintendo reflete, pura e simplesmente, o valor presente de todos os lucros que se espera que o Pokémon Go gere *no futuro*. Esse aumento da riqueza da Nintendo não decorre dos ganhos passados que ela acumulou até hoje, mas sim os ganhos que são esperados no futuro em decorrência de um bom desempenho da empresa.

Por isso, se nos próximos dias, meses ou anos o Pokémon Go não se mostrar à altura das expectativas que se formaram hoje a seu respeito — se seus usuários não mais o utilizarem por tanto tempo como o fazem hoje, se surgirem outros aplicativos mais interessantes para os consumidores, se as receitas de publicidade não se mostrarem suficientes etc. —, então o valor das ações da Nintendo desabarão, ou seja, esse crescimento de 33% em sua riqueza serão inteiramente revertidos.

Em suma, a riqueza que a Nintendo acumulou estes dias não dependeu em quase nada da riqueza que ela acumulou no passado (o Pokémon Go teve um custo de desenvolvimento inferior a 30 milhões de dólares, os quais foram captados de diversas fontes), mas sim de como a empresa foi sábia em investir esse capital no presente e de como o seguirá investindo no futuro.

A riqueza não olha para o passado, mas sim para o futuro: aqueles que não sabem utilizar produtivamente seu capital em prol dos consumidores ficarão, na melhor das hipóteses, estagnados e com um patrimônio volúvel (a menos, é claro, que o estado os proteja mediante o esbulho do resto da população). De novo, que o digam os ricos da década de 1980: todos eles perderam mais de 50% do seu patrimônio desde então.

Já aqueles que utilizarem produtivamente sua poupança em prol dos consumidores e de uma maneira mais eficaz que os demais — e que saibam como continuar fazendo isso no futuro — verão seu patrimônio se multiplicar em pouco tempo, por mais escasso que tenha sido seu capital inicial.

A desigualdade de riqueza não é fruto de sua distribuição passada, como erroneamente afirma Piketty, mas sim de como ele é utilizada visando ao futuro.

Quanto a Piketty, como já dito, em seu livro ele desconsidera o papel do empreendedor e nem sequer menciona o papel da divisão do trabalho na criação de riqueza. Mas a divisão do trabalho é uma característica crucial (e necessária) da economia de mercado. Com efeito, a própria existência de capitalistas ricos não é uma questão de herança ou de sorte imerecida, mas sim o resultado da "lei das vantagens comparativas". Um capitalista bem-sucedido é alguém que possui uma vantagem comparativa em alocar capital — ou seja, ele tem uma capacidade superior aos outros neste quesito — e, conseqüentemente, é especialista nesta tarefa.

Em um mercado livre e desimpedido, aqueles que tendem a ser os mais ricos também tendem a ser os mais eficientes na alocação do capital. Se sua capacidade de alocação for ruim, então os consumidores irão puni-los. Se sua capacidade de alocação for boa, os consumidores irão recompensá-los.

A Nintendo que o diga — por enquanto.